



Maracatu, Tradição e Novas Estratégias de Luta.

# TAMBORES ENCANTADOS

Bel Acosta

Este presente trabalho leva em consideração a história oral e a participação ativa dos integrantes das nações de maracatu, que foram fotografados durante o carnaval de 2018, prestando sua solidariedade neste momento dramático de crise sanitária e econômica, que contribui ainda mais para a vulnerabilização de seus membros e patrimônio.

“Tambores Encantados” é uma contribuição aos membros do maracatu, àqueles que colaboram para o não apagamento dessa expressão cultural histórica e autêntica de origem afro-brasileira. O projeto nos contagia com a

beleza quente e intensa de noites ritmadas ao som ancestral de tambores, atabaques, caixas, gonguês e xequerês, servindo à colorida passarela de saias rodadas, indumentárias africanas, e personagens folclóricos.

Das ladeiras de Olinda às ruas históricas de Recife, da passarela carnavalesca à inesquecível noite dos Tambores Silenciosos, o ensaio têm especial missão de ressaltar a importância de seus membros, com enfoque especial na participação das mulheres como brincantes e protagonistas da nossa cultura popular brasileira, sendo elas, por muitas vezes, fio condutor central e simbólico da narrativa.

**O Brasil** vive atualmente um cenário político conturbado e um clima de hostilidade entre grupos distintos da sociedade. Casos de intolerância direcionado à praticantes de religiões afro-brasileiras, no entanto, não são novidade, e encontram hoje um território ainda mais fértil para sua disseminação.

Sem um real apoio da sociedade através de instituições como a escola e a polícia, essas comunidades entendem como dever fundamental a militância e a resistência contra a intolerância, formando assim um movimento de grupos ligados à religiões de matriz africana no Brasil interessados em pensar, discutir e militar, não apenas contra a intolerância, mas por serem respeitados.

Apesar de identificarmos, atualmente, novos rumos e contextos dessa luta pela

liberdade de culto e práticas religiosas, podemos afirmar que no decorrer da história, núcleos ativos da comunidade negra se organizaram, firmando suas raízes em territórios onde, através do livre direito de suas práticas religiosas, não deixaram que estas fossem extintas, identificando assim a luta e resistência cultural como uma das características mais predominantes da história dos afro-descendentes no Brasil.

Também conhecido como candomblé de rua, o Maracatu é muito mais do que o mais antigo ritmo afro-brasileiro. Sua história é antiga, complexa e cheia de transformações de contexto social e cultural ao longo de sua história. Com um passado histórico de perseguição, o maracatu resistiu como manifestação cultural legítima de um povo e, por seguir sendo até hoje alvo de discriminação, entende-se como de funda-

mental importância a constante atividade pela salvaguarda de seu patrimônio cultural, oferecendo aos seus membros e sociedade como um todo, ferramentas educacionais e de conscientização para seu fortalecimento e valorização.

### **Sobre o Patrimônio Cultural Imaterial "Maracatu Nação"**

Encontrar uma definição exata para o termo "maracatu" é uma tarefa muito difícil. Historicamente os maracatus nação possuem suas origens centradas nas antigas coroações de reis e rainhas do congo no séc XVII, e mesmo após a extinção desta cerimônia, os maracatus nação se moldaram às transformações e mudanças ocorridas ao longo do século XX, demonstrando sua capacidade de adaptação e permanência.

Podemos dizer em linhas gerais que o maracatu é uma forma de expressão popular da cultura afro-brasileira, com forte presença no estado de Pernambuco, e é constituído por um conjunto musical percussivo, que acompanha uma procissão real composta por reis, rainhas, princesas, duques, vassalos, lanceiros, baianas etc, além de personagens da cultura popular afro-indo brasileira, como os caboclos arreamá, e os orixás - divindades de xangô. Seus conjuntos percussivos são compostos por instrumentos como: alfaias, caixas, gonguês, mineiros e, em alguns casos, agbês e atabaques.

Os maracatus-nação, se organizam como agremiações carnavalescas, localizadas no interior das comunidades periféricas da região metropolitana da cidade do Recife, e é a partir dela que agregam seus membros, bem como suas relações com as religiões de matriz africana. Os grupos apresentam um

espetáculo marcado pela riqueza estética, musicalidade e repleto de símbolos religiosos, tendo o carnaval como seu momento de maior destaque.

Embora esteja marcado na história que mulheres tenham sido, por diversos motivos, peça fundamental na criação e manutenção de práticas religiosas que originaram o candomblé, conferindo a elas um grandioso papel de destaque e respeito como grandes matriarcas em suas comunidades, tal fato não as impediu de serem excluídas de algumas práticas culturais, como a permissão para participar do batuque de maracatu.

No interior desses grupos, em geral, estava direcionada para mulheres as vestimentas, dança, e no desfile saíam como destaques da corte real, representando atividades de costura e confecção de rainhas

negras. Apenas em alguns casos era permitida a participação na bateria em alas de instrumentos leves como o agbê, comprovando a grande desigualdade de gênero e hierarquização dentro desses grupos.

Na última década, no entanto, um novo movimento legítimo e espontâneo vem emergindo no interior de algumas comunidades de maracatu. É o caso da Nação de Maracatu Encanto do PIna (NMEP), que elegeu em 2008, de forma inédita, a primeira mulher mestre de bateria de um maracatu nação.

Tal fato tem injetado na comunidade do maracatu como um todo, outras pautas e formas de luta pela igualdade, liberdade e contra intolerância, assumindo atualmente não apenas a luta pela liberdade de culto, como também pela igualdade de gênero.

Soma-se a esse contexto, o fato do Brasil ser historicamente uma sociedade patriarcal, e machista, com imensa desigualdade entre gêneros e com uma taxa extremamente elevada de violência contra a mulher, contabilizando em 2020, uma mulher morta a cada nove horas, número que coloca o Brasil no 5º lugar do ranking de países mais perigosos para mulheres.

Com a pandemia do Coronavírus, as nações de maracatu e seus integrantes vem passando por grandes dificuldades financeiras, com o agravamento da crise econômica e da paralisação de setor da cultura, sendo assim, diante desse novo quadro, há mais um motivo para advogar pela salvaguarda do maracatu nação e, portanto pretende-se assim, através deste ensaio fotográfico, dar visibilidade ao seu aspecto cultural e seu papel na sociedade contemporânea, estimulando o desenvol-

vimento intelectual dos participantes, bem como evidenciando uma história de amor, fé e luta pelas mãos das homens e mulheres de ontem e hoje, servindo como exemplo para outros grupos culturais e incentivando a reflexão da sociedade.

**“Tambores Encantados, maracatu, tradição e novas estratégias de luta”** é, portanto um projeto fotográfico, produzido no carnaval de 2018, e tem como principal objetivo a difusão e conscientização, em esfera nacional, a respeito da expressão cultural “maracatu”, como manifestação muito além de um espetáculo musical e folclórico de cunho religioso afro-brasileiro. Através de uma metodologia participativa, o projeto busca valorizar integrantes ativos dos grupos de maracatu-nação da atualidade, como sujeitos protagonistas e fundamentais para a salvaguarda de seu patrimônio cultural e, que através de seus

relatos, ajudam a contar um pouco sobre a história do maracatu até os dias atuais.

O ensaio pretende evidenciar como seus integrantes, ao longo de séculos, vem se mantendo firme por gerações no propósito de assegurar a resistência dos afro-brasileiros em um cenário de constante discriminação de suas expressões culturais e religiosas. Tendo como protagonistas centrais os integrantes ativos do presente, o ensaio demonstra como o maracatu vem buscando se moldar a contextualizações contemporâneas, assumindo também, de forma inédita, o importante papel de luta pela igualdade de gênero, e contra discriminação e violência direcionada à mulher. Com um enfoque especial – porém não excludente – na crescente participação e importância das mulheres, a partir do avanço de conquistas feministas nos últimos anos, o ensaio estimula a valorização de seus

membros, conferindo à eles grande protagonismo na constante atividade de salvaguarda de seu patrimônio cultural, contribuindo assim para a preservação e manutenção das características essenciais do maracatu.

Tendo como ponto de partida a Nação de Maracatu Encanto do Pina, única até 2018, regida por uma mulher, popularmente conhecida como “Mestra Joana”, o projeto advoga, em defesa da preservação cultural do mais antigo ritmo brasileiro, e pela tolerância religiosa e igualdade de gênero no país.

# Algumas considerações

Hoje, três anos após aqueles dias de carnaval em Recife e Olinda, quando tive o grande prazer de participar de perto das apresentações das nações de maracatu, percebo que ainda pouco compreendo sobre toda a sua bela e complexa história, mas sei, pois fui testemunha ocular, do tamanho esforço e dedicação, que cada membro de cada maracatu oferece por sua nação. Esforço este, traduzido em meses de preparo, desde o planejamento, ensaio, e confecção de vestimentas e adereços, tudo feito de forma comunitária e colaborativa para que durante, sobretudo o carnaval, seus integrantes preencham as ruas, avenidas e passarelas, deixando de lado suas labutas, da cozinha à construção civil, da segurança à enfermagem, dá elétrica à sala de aula, do comércio aos

afazeres do lar. Cada um desses integrantes se tornam responsáveis pela permanência do legado desta grande família, que apesar de heterogênea e as vezes até mesmo conflituosa, comunga da mesma responsabilidade e orgulho perante seu sagrado.

Mais do que manifestação, o maracatu é um forte elo entre pessoas, uma espécie de grande família, cujos membros formaram outras famílias, e de suas ramificações, originaram subdivisões e também subversões (sempre comum e necessárias nas grandes famílias), além dos agregados, aqueles que mesmo não compartilhando originalmente dos mesmos códigos étnicos, compartilham o intangível, aquele poder místico e ances-

tral do sagrado, do tambor, das práticas religiosas e cotidianas que dão o tom dessa mistura fascinante entre sagrado, musicalidade e comunidade. Bem distante de generalizações, portanto, cada nação tem sua faceta, seu sotaque, seu fundamento. Cada nação é impar e tem sua história particular de luta, seu entendimento do sagrado, sua forma autêntica de ser. Cada nação, portanto, tem sua riqueza estética, musical e histórica única.

Ao me deslocar ao Recife estava, a princípio, motivada pela crescente participação feminina no maracatu, sobretudo em posições não antes comum para as mulheres. Este movimento legítimo, motivado por avanços das teorias sociais, vem revolucionando conceitos e práticas dentro das nações, refletindo também em seu entorno, no universo privado de seus integrantes. Na prática, no decorrer da experiência, descobri que para além das minhas próprias concepções sobre gênero, homens e mu-

lheres por diversas ações possíveis, contribuíram para a manutenção cultural do maracatu, e para eles, portanto, como um todo, é merecida valorização e protagonismo.

De volta ao Rio de Janeiro, me debrucei no processo de identificação de cada um desses personagens, o que parecia tarefa impossível. Estou falando de indivíduos que em diversos casos não possuem contato telefônico, e-mail, e em outros sequer são alfabetizadas. Mas não desisti, no boca a boca fui tecendo contato, um a um. Aos poucos fui chegando em cada um desses personagens fotografados. Com alguns, compartilhei grande conexão, mesmo que momentâneo, são brasileiros, que dão orgulho pela garra e convicção de suas raízes, pérolas desta terra, marcados por sangue e suor dos mesmos ou de seus antepassados, e que negaram a todo custo, a insistência por sua extinção.

Por último, como expectadora que interagi com muitos desses integrantes,

para além das disputas internas entre grupos, o maracatu é um espaço acolhedor e fortalecedor para seus membros. São famílias que compartilham uma mesma fé, amor, e orgulho, para que todos conheçam e jamais a deixem esquecer. São espaços educativos, que rememoram as raízes negras do Brasil, suas marcas, sua arte, sua ancestralidade, e que constantemente são referências para adultos e crianças de suas comunidades.

Com este, quero destacar a importância de cada integrante desta tradição secular que vem se modificando ao longo do tempo, sem perder suas características mais essenciais, e salientar especialmente a participação cada vez mais ativa e numerosa das mulheres em todas as posições, seja na corte, no batuque e em lugares de poder, somando suas vozes nas tomadas de decisões dentro e fora de suas nações. Dedico, portanto, meu agradecimento por todos aqueles que mantem viva essa história que tanto admiro.

Joana D'arc Cavalcanti, popularmente conhecida como Mestre Joana, se tornou a primeira mulher a atingir o posto de Mestre de uma Nação de Maracatu de Baque Virado - Entanto do Pina - no ano de 2008.



Joana D'arc Cavalcanti, popularmente conhecida como Mestre Joana, se tornou a primeira mulher a atingir o posto de Mestre de uma Nação de Maracatu de Baque Virado - Entanto do Pina - no ano de 2008.





Geiza Brasil, rainha da Nação de Maracatu Aurora Africana.



Janaina Buarque, dama de paço da Nação de Maracatu Xangô Alafin.



Mercicleide Lourenço, ou Kekéu, dama de paço da Nação de Maracatu Porto Rico.



Kelly e Beatriz Gomes, mãe e filha. damas de paço da Nação Estrela de Olinda.



Mariza Conceição da Silva, baiana da Nação de Maracatu Sol Nascente.



Dona Marlene, baiana da Nação de Estrela Brilhante de Igarassu.



Maisa, dama de frente da Nação Cambinda Estrela.



David Xavier, musa do maracatu da Nação de Maracatu Porto Rico.



Baianas da Nação de Maracatu Gato Preto.





Karina Santos, representando Oxum para a Nação de Maracatu Xangô Alafin.

Wilka, baiana da Nação de Estrela Brilhante de Igarassu.





Maria Eduarda, na época 14 anos, tocando agbê pela Nação de Maracatu Estrela D'alva



Mayara, princesa mirim da Nação de Maracatu Estrela Brilhante do Recife.



Mayara Gonzaga, batuqueira Nação de Maracatu Nação Leão da Campina.



Nação ainda não identificada.





Beatriz, jovem baiana do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu.





Guga, baiana rica da Nação de Maracatu Porto Rico.



Cristal Besinger (Lucas Santos), baiana rica para a Nação de MaracatuLeão da Campina.



Dona Nena, baiana rica da Nação de Maracatu Cambinda Estrela.



Ainda não identificada.



Pai Alex, representando Yemanjá para a Nação de Maracatu Porto Rico.



Nação ainda não identificada



Adriana Bezerra da Silva, representando Oya, para Nação de Maracatu Xangô Alafin.



Maria Joaquina, baiana da Nação de Maracatu Encanto do Pina.



Final de cortejo Nação de Maracatu Tupinambá.

Agradecimentos:

À todos aqueles que compartilharam seu precioso tempo,  
para dividirem comigo um pouco de suas histórias  
pessoais, e o grande amor pelo maracatu.

[www.belacosta.net](http://www.belacosta.net)

Referências:  
Dossiê do Maracatu Nação - IPHAN.  
(1960 - "Entre Pernambuco e a África.  
História dos Maracatus-Nação do  
Recife e a espetacularização da  
cultura popular" - 2000)